

Conversas com o acervo do MAV Anatol Wladyslaw (1913-2004)

O convite para realizar a curadoria dessa conversa com a obra de Anatol Wladyslaw, deu-me oportunidade de entrar em contato com sua produção mais ampla. Obras que estavam guardadas, embaladas, fechadas a sete chaves, ganharam visibilidade e passaram a ativar minhas memórias, trazendo à tona histórias, muito além daquelas da História da Arte, aproximando-me dos seus processos de criação e da constituição de sua poética. O museu tem essa função: fazer com que as obras permaneçam visíveis e vivas para nós.

O Museu de Artes Visuais da UNICAMP – MAV –, tem 302 obras de Anatol, doadas em 2007, por Blanka Wladyslaw, viúva do artista. São 136 pinturas, 136 desenhos, 29 gravuras e uma colagem, que nos dão a dimensão da extensão de sua produção artística. Nessa exposição, dentre os inúmeros recortes possíveis para expor esse grande acervo, fizemos uma opção inicial que estabeleceu alguns limites para a seleção: optamos por trabalhar a partir das obras recém tratadas pelo Museu. Partimos de dezesseis obras e chegamos a sete.

Conheci Anatol nos anos 80, nas sessões de modelo vivo na casa de uma amiga: Wanda di Ricco. Wanda reunia, semanalmente, amigos para desenhar em sua casa em Higienópolis. Era um encontro noturno, que se estendeu por muitos anos e que sempre se encerrava com uma sopa deliciosa. Na época chegamos a realizar uma exposição do grupo em um espaço independente de um de nossos colegas. Foi Alice Brill, mestra que acompanhou meu processo de criação, quem me levou à casa de Wanda e me apresentou a Anatol, foi nesse cenário que conheci e convivi com ele. Lembro que na época eu me perguntava: Por que um artista concretista, integrante do grupo Ruptura, que negou veementemente a figuração, praticava desenho de modelo vivo? Essa resposta, na verdade, consegui agora.

Sabe-se muito sobre o Anatol concretista, que integrou o grupo Ruptura, composto por Geraldo de Barros, Lothar Charoux, Luis Sacilotto, Kasmer Féjer, Leopoldo Harr e liderado por Waldemar Cordeiro. Juntos, em 1952, realizaram a primeira exposição do grupo no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando lançaram o manifesto Ruptura. Foi um momento polêmico de nossa história, em que o grupo assumiu posições radicais em relação à abstração, iniciando um dos movimentos mais genuinamente brasileiros que tivemos: o concretismo.



Figura 1. Sem título, pintura sobre tela, 18 x 21.7 cm, 1948



Figura 2. Sem título, pintura sobre tela, 25.7 x 18 cm, 1948

Nas palavras de Waldemar Cordeiro: “O movimento Ruptura é um salto qualitativo que reivindica a linguagem real das artes plásticas, que se exprime com linhas e cores e não desejam ser peras nem homens”.¹

Rompendo com qualquer intenção figurativa, desejavam se exprimir unicamente pela linguagem visual, fazendo valer que “a obra artística não é representação da realidade, é ela mesma realidade. ‘objeto artístico’”.¹ Pela primeira vez se falava em autonomia da pintura no Brasil.

Mas há um Anatol antes e depois do grupo Ruptura, que não abriu mão de se exprimir por linhas e cores, mas desejou que elas fossem outras coisas, peras e homens talvez. Anatol manteve-se abstrato sem virar as costas para a realidade e para seus afetos.

Visitando as obras do acervo do MAV, que o representa em todas as fases, percebe-se a presença intensa das formas orgânicas, que acabaram prevalecendo sobre a fase concretista, que o consagrou.

Havia talvez uma necessidade lírica e expressiva que o manteve conectado ao mundo orgânico, que o fez voltar a frequentar sessões de modelo vivo em plenos anos 80. É o Anatol das formas orgânicas, que pretendi trazer com essa curadoria.

Anatol Wladyslaw, nasceu na Polônia, em Varsóvia, chegou ao Brasil nos anos 30, junto com inúmeros outros judeus refugiados da guerra. Para minha surpresa, formou-se em engenharia eletrônica, o que, a meu ver, é um dado de sua formação que pode tê-lo conectado ao aspecto concretista do grupo Ruptura. Seus primeiros contatos com a arte já trilhavam o caminho da abstração, foi aluno de Lucy Citti Ferreira e Yolanda Mohaly e frequentou o ateliê Abstração de Samson Flexor.

Destaco de sua fase inicial duas obras de 1948 que revelam a coexistência da figuração e da abstração.

Optei por uma narrativa de processo, iniciando pelo tema que nos aproximou: a sessão de modelo vivo. Essa obra (figura 1), como numa bola de cristal, nos sugere a revelação de outras dimensões temporais e espaciais: uma, duas, três, quatro ou apenas uma única mulher em momentos diferentes, recolhida em sua interioridade enfatizada pela sombra que a envolve, vai se erguendo e ganhando luz num movimento circular e espiralado até que se expõe por inteira.

Ao seu lado, uma fazenda (figura 2), que me remeteu à fazenda de Miró, não sei dizer exatamente a razão, mas a associação se impõe: há algo de surrealista nessa paisagem, talvez pela estranheza da coexistência de um desenho figurativo e primitivo imerso numa paisagem



Figura 3. Sem título, pintura sobre tela, 99 x 80 cm, sem data



Figura 5. Sem título – Pintura sobre duretez, 20 x 20 cm – sem data

¹ Grupo Ruptura, SP: Cosac Naify, 2002, p. 6.

abstrata – que integra o céu, a montanha e a terra numa matéria colorida. Uma obra singular, sem título e sem data (figura 3), se destaca em meio às outras.

Rostos sobrepostos, justapostos, jogam com as cores complementares, com as formas e com o espaço. Traços e desproporções afetivas remetem ao desenho infantil, criando um complexo de relações humanas, rostos, corpos de homens, mulheres e crianças, compostos numa dimensão espacial – dentro e fora –, e temporal – passado, presente e futuro –, reunidos entorno de uma natureza morta. Uma verdadeira arquitetura das formas.

Em 1951, realizou sua primeira exposição individual na galeria Domus. Foi a partir dessa exposição que Waldemar Cordeiro o convidou para integrar o grupo Ruptura. Em 52, representa o Brasil na XXVI Bienal de Veneza com obras concretistas ao lado de Luiz Sacilotto, Alberto Veiga Guignard e Alfredo Volpi, entre outros. A partir de meados da década de 50, abandona a régua e o esquadro concretista e conquista uma gestualidade oriental na pincelada, que se pode ver principalmente em seus desenhos. Na pintura sua abstração se torna mais solta e orgânica, com camadas grossas de tinta e texturas marcantes. Experimenta uma fase tachista e informal, que está bem representada neste acervo com desenhos e pinturas. Algumas obras desse período são totalmente abstratas e outras a figuração se dissolve contra o fundo.

Anatol participou de cinco edições da Bienal Internacional de São Paulo: I, II, III, IV e VI sendo que, na última, em 1961, ganhou o Prêmio Nacional de Desenho, tendo Mário Pedrosa como um dos integrantes do júri. Na época o historiador Wolfgang Pfeiffer comentou que os desenhos de Anatol eram feitos “de maneira bastante lírica (...) enfatizando suas zonas de concentração tachista”.²

No mesmo ano, também ganhou a medalha de ouro no Salão Paulista de Arte Moderna e a bolsa *Young Artist Project* 1961-62, da Fundação Ford, possibilitando uma estadia de 1 ano nos Estados Unidos, onde expôs na Angelesky Gallery, em Nova York. Nessa década, realizou várias exposições internacionais. Importante notar que as premiações que recebeu correspondem a uma nova fase em sua carreira artística em que assumiu a abstração orgânica.

A partir dos anos 60, retoma a figuração com uma grande simplificação formal. Nesta exposição selecionei duas obras, ambas sem título, uma de 1976 (figura 4), e outra sem data (figura 5), mas que se aproxima da anterior, pela temática e pela composição. Suas figuras habitam um espaço aéreo, flutuam, voam, e



Figura 4. Sem título – Pintura sobre tela, 19,8 x 19,8 cm – 1976



Figura 6. Sem título – pintura sobre tela, 70 x 80 cm, 2002

² Disponível em: < <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/1870> > acesso em 18/02/2015

nos colocam em estado de suspensão, em um universo onírico e mítico que remete à obra de Marc Chagall.

Animais e figuras humanas se movimentam em um espaço circular, rodam, giram, como numa arena circense e, de uma outra forma, continuam evocando o universo infantil.

Encerro a exposição com duas obras de sua fase abstrata e orgânica, datadas de 2000 (figura 7) e 2002 (figura 6) que, para minha surpresa – ao vê-las ao vivo e a cores –, foram feitas com grossas camadas de tinta e visivelmente retocadas após terem sido emolduradas. O que me leva a pensar que, talvez, Anatol não colocasse facilmente um ponto final em suas pinturas. Talvez elas permanecessem vivas dialogando esteticamente com ele.

Agora as formas não são reconhecíveis, mas permitem analogias, como na abstração azul, que me remete a instrumento musical, o violão. O espaço circular permanece e as formas continuam a girar entre cores e arabescos, entre áreas quentes e frias, claras e escuras.

Sempre que me disponho a pesquisar a vida e a obra de um artista, busco encontrar a sua voz – um caminho de pesquisa que aprendi com Ana Angélica Albano –, são falas preciosas que, em alguns casos, não encerram a verdade da obra, mas sempre são reveladoras de uma intenção poética. Portanto, encerro minha fala com palavras de Anatol:

“Se me perguntarem, o que é Arte para mim, diria que é tudo o que é significativo e revelador na minha vida. Diria, outrossim, que a visualizo como sendo uma ponte, ou ligação espiritual. Ponte, que me aproxima do Universo, dos Homens e do seu Criador; um elo frágil e balouçante que me conduz para o íntimo do meu ser (...) Mas, é um fazer-se lento e sutil, no qual a linguagem se revela pudicamente e aos poucos, feita de equilíbrios e contrastes, zonas frias opondo-se a outras quentes e no qual descobre-se a calma sabedoria das linhas horizontais, audácia das transversais e espiritualidade nas verticais, no qual as curvas conduzem a um sensualismo, ora contido, ora desenfreado, dançando em ritmos contundentes ou, então, encobertos sutilmente.”³

Caru Duprat
Fevereiro 2015



Figura 7. Sem título – pintura sobre tela, 24 x 20 cm, 2000

³ Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculox/modulo3/ruptura/wladyslaw/bio.html>> acesso em 13/02/2015.